

# PROMETEUS

## FILOSOFIA EM REVISTA

VIVA VOX- DFL- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
Ano 3 - no.5 Janeiro-Junho / 2010

---

### NIETZSCHE E A JUSTIFICAÇÃO ESTÉTICA DO MUNDO

Verônica Pacheco de Oliveira Azeredo  
Mestre em Filosofia  
Professora do UNILESTEMG

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir a proposta nietzschiana de uma nova visão do mundo. Nietzsche propõe uma transformação dos valores modernos, denominada por ele de concepção trágica ou de justificação estética do mundo. O filósofo alemão considera que a ciência se constitui na promessa de proporcionar ao homem o máximo de prazer com o mínimo de desprazer. Essa atitude provoca um desencantamento e desinteresse pela existência. O fundamental seria afirmar a vida por meio das imagens, das miragens estéticas que estimulam a alegria de viver.

**Palavras-Chaves:** justificação estética, valores, existência, afirmação, alegria, arte.

**Abstract:** The aim of this paper is to discuss Nietzsche's proposal of a new vision of the world. Nietzsche proposes a transformation of modern values, called by him as the tragic conception or aesthetic justification of the world. The German philosopher believes that science constitutes itself on the promise to deliver man the maximum pleasure with minimum displeasure. This attitude causes a disenchantment and disaffection for existence. The essential would be to affirm life through images, aesthetic mirages, stimulating the joy of living.

**Keywords:** aesthetic justification, disillusionment, existence, affirmation, joy.

Através de seus estudos sobre a Grécia, Nietzsche propôs uma transformação dos valores modernos e uma visão diferente do mundo, denominada por ele de concepção trágica ou de justificação estética do mundo: “Nos fragmentos de 1871, Nietzsche menciona que as miragens são meios de conhecimento e que o objetivo do conhecimento é também um objetivo estético” (Macedo, 2006, p.133). O filósofo busca não restringir a existência apenas aos aspectos cognitivos, e apresenta a filosofia como obra de arte, como perspectiva, como criação, e não somente como ciência pura.

Nietzsche, em *Gaia Ciência*, ressalta sua valorização da bela aparência e declara sua admiração pelos gregos, em relação à atitude valente e saudável de viver sem querer desvendar, descobrir e desnudar a vida em busca de seu lado oculto e indecifrável: “É, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e ‘saber’ tudo. Deveríamos respeitar mais o pudor com que a natureza se escondeu por trás de enigmas e de coloridas incertezas” (Nietzsche, GC, 2001, p.15).

Se a vida necessita da arte, da aparência para que seja afirmada integralmente, como é especialmente defendido em *O Nascimento da Tragédia*<sup>1</sup>, procurar uma verdade absoluta implica negar a vida como pura aparência estética. Nietzsche considera que a ciência se constitui na promessa de proporcionar ao homem o máximo de prazer com o mínimo de desprazer. Essa atitude provoca um desencantamento e desinteresse pela existência. O fundamental seria afirmar a vida por meio das imagens, das miragens estéticas que estimulam a alegria de viver.

Em *O Nascimento da Tragédia*<sup>2</sup>, Nietzsche analisa a existência de dois instintos estéticos da natureza: o apolíneo e o dionisíaco<sup>3</sup>. O filósofo considera que esses dois

<sup>1</sup> Esta obra corresponde à primeira fase de pensamento nietzschiano. Nietzsche está mais voltado para o destino da arte e cultura. É influenciado por Schopenhauer e Wagner, e busca uma forma de arte livre da erudição e burocracia das artes do período, restaurando um senso trágico de arte, como uma tragédia grega, com uma postura ativa diante da existência. Posteriormente, Nietzsche rompe com a metafísica, distanciando-se de Schopenhauer e Wagner, desiludindo-se em relação à obra de arte total. Na segunda fase, começando por *Humano Demasiado Humano*, percebe-se a valorização do conhecimento científico como maneira de resolver os problemas que tanto o atormentavam. Nietzsche refina sua habilidade de filólogo e de psicólogo, construindo seu método genealógico, como um método de explicação que dissolve o absoluto, o imutável. Em *Assim Falou Zaratustra*, inicia-se a terceira fase do pensamento nietzschiano, que é marcado pelo aparecimento de conceitos como *além-do-homem*, *vontade de poder* e o *eterno retorno*, fundamentais para o entendimento de sua obra.

<sup>2</sup> “A tragédia seria na concepção nietzschiana, um modo coletivo de lidar com o absurdo da existência e de suportá-lo, a arte funcionaria como proteção, como um sono reparador, um véu sobre o caos.” Macedo, Iracema. Nietzsche, Wagner E A Época Trágica dos Gregos. São Paulo: Anablume, 2006, p.136.

<sup>3</sup> Dioniso simboliza a natureza, o excesso e o irracional. O culto a Dioniso, na antiga Grécia, aparece ligado a orgias e festividades onde eram cometidos todo o tipo de excessos. As festas em honra a Dioniso são inseparáveis também da música e da dança onde os participantes se fundem com o todo envolvente (o Uno Primordial, a energia vital). Apolo é o contraponto de Dioniso. É o símbolo da ordem, medida,

instintos são fundamentais, porque, se a arte exprime o devir da vida e se a vida se afirma na aparência, de forma artística, os instintos estéticos são responsáveis por tudo o que há no mundo, pois somente por intermédio destes a vida persiste em sua atividade criativa. Nesse sentido, o corpo e os instintos são a base para se compreender seu pensamento estético. Esses instintos são expressões estéticas da natureza em busca de expansão.

Na interpretação nietzschiana, Apolo e Dioniso simbolizam dois destinos diferentes de uma mesma fonte, que é a própria Natureza. Isto é, a natureza se exprime através dos instintos artísticos: Dioniso revela as forças misteriosas e irracionais que surgem da natureza e Apolo a ordem e moderação que lhes é dada.

Nietzsche aprecia a tragédia, nesse período inicial de seu pensamento. Se a tragédia não pode ser julgada simplesmente pela noção de beleza, é porque ela dá um salto além da aparência, além do fenômeno, além da representação. A noção de beleza, nesse momento para Nietzsche, está estreitamente vinculada ao mundo visível, ao mundo da sensibilidade plástica e a noção de sublime é metafísica. (Macedo, 2006, p. 133)

No pensamento nietzschiano, a arte é o resultado dessa tensão entre os dois espíritos, cuja finalidade é proporcionar uma espécie de consolo metafísico. Aqui, é importante ressaltar que, embora tenha sido mencionado nos capítulos anteriores, o combate de Nietzsche contra a metafísica não significa que tal postura seja apresentada desde o princípio de sua filosofia. Macedo (2006) pondera que, no início da trajetória intelectual de Nietzsche, não havia uma separação radical do curso da filosofia tradicional. Em vários aspectos, o filósofo compactua com a tradição, embora tenha apresentado uma versão nova:

Nietzsche não se separa radicalmente do curso tradicional da filosofia, ao contrário, sob muitos aspectos, compactua com a tradição, trazendo-lhe, no entanto, uma abordagem nova, uma visão estética do mundo contraposta à identidade entre o ser e o pensamento, divergindo nesse sentido da metafísica tradicional sem, no entanto, negá-la. (Macedo, 2006, p.133)

No primeiro período, Nietzsche está convencido da força transformadora que a Grécia poderia representar para a modernidade. A arte<sup>4</sup> é a afirmação da vida diante da

---

proporção, forma. Identifica-se com o sonho, as imagens e as formas individualizadas. As suas artes são a epopeia (Homero) e a escultura.

<sup>4</sup> Nietzsche, nesse período considera a arte como a atividade essencialmente metafísica do homem. Esse entendimento sobre a arte sofre profunda influência do artista Richard Wagner e de Schopenhauer.

crueldade e do horror, colocando-se para além do bem e do mal. A vida é provocada pelas aparências, pelas formas, e são os instintos criadores, artísticos por excelência, que a afirmam. Nietzsche considera que a representação artística do real, da essência, da natureza é a estratégia, o artifício que a vida criou para se afirmar por meio da ilusão estética.

Não obstante, a Grécia antiga é elogiada como uma civilização saudável e forte o bastante para fazer da arte uma terapêutica contra o desânimo e capaz de tornar a existência mais bela e mais digna de ser vivida. O destaque pelo filósofo aos gregos está em sua capacidade de enfrentar a vida, de experienciar os horrores da existência, encarando o pessimismo como componente do existir. O filósofo afirma que a arte salva o homem grego, ameaçado diante do extremo perigo do pessimismo e do aniquilamento.

A afirmação da vida ocorre por meio da valorização dos impulsos estéticos naturais e se apoia nas criações artísticas decorrentes deles, sustentando o desejo de vida. Por meio dos seus poderes criativos, os gregos puderam tornar a existência novamente digna de ser vivida. A estratégia estética utilizada pelo filósofo não tem como objetivo dominar o instinto dionisíaco através de sua repressão e negação. Ao contrário, é por meio de sua consideração estética e embelezamento que é permitido o equilíbrio entre a força dionisíaca natural responsável pela destruição desmedida e o apossar-se de sua potência para as criações das aparências, através das quais a vida se expande.

A característica da nova estratégia artística é integrar, e não mais reprimir, o elemento dionisíaco transformando o próprio sentimento de desgosto causado pelo horror e pelo absurdo da existência em representação capaz de tornar a vida possível. [...] É evidente, portanto, a distinção assinalada por Nietzsche entre as duas manifestações dionisíacas. Está claro também que o dionisíaco artístico não se opõe ao apolíneo, mas supera esta oposição justamente por ser artístico e implicar necessariamente aparência. E, finalmente, também o dionisíaco celebrado por ele não é o do culto orgiástico, mas o do artista trágico [...] (Machado, 1985, p.28)

A partir da arte trágica foi possível a união dos instintos dionisíaco e apolíneo, e por isso os gregos puderam desejar e celebrar a vida, não obstante sua essência dolorosa. Nietzsche considera que essa é a importância salutar da existência de estados que promovem a ilusão artística através da qual a vida pode ser experienciada.

Ao romper com Wagner e Schopenhauer, o filósofo rompe também com a visão metafísica da arte e da vida. A arte passa a ser entendida sob um ponto de vista somente sensível, a beleza passa a enfatizar a temática da obra de arte trágica e de seu sentido para homem e a cultura, agora sob a fórmula de "grande estilo".

Eu quero aprender cada vez mais a considerar as necessidades das coisas como beleza \_ assim eu serei um daqueles que tomam as coisas como beleza, amor *fati*: que seja este de agora em diante o meu amor! Eu não vou fazer guerra contra o feio, eu não o acusarei mais, eu não acusarei nem mesmo os acusadores. Suspende o olhar, que esta seja minha única forma de negar. Eu não quero, a partir desse momento, ser outra coisa senão pura afirmação. (Nietzsche, GC, 2001, p.187-188)

A beleza é percebida como afirmação da efemeridade, da finitude, da corporeidade. É a inevitabilidade que passa a ser afirmada, a beleza abrange o caos, o monstruoso. A criação pressupõe uma profunda conciliação com as forças naturais, com a terra, com o corpo. O amor *fati* está em ver a beleza na necessidade das coisas, torná-las belas através da afirmação e da criação e admirar-se pela própria vida. É oportuno ressaltar a distinção entre a primeira fase, na qual Nietzsche enfatizava a transcendência da arte, e a segunda, na qual a perspectiva está em amar a existência sem fugir da dor, da alegria, do acaso, trata-se de uma: “nova abordagem de Nietzsche sobre os gregos, um povo que teria aprendido como nenhum outro a transformar a fatalidade em beleza, um povo amoroso e pleno de gratidão pela existência” (Macedo, 2006, p.189). O apolíneo e o dionisíaco e seus respectivos correspondentes estados fisiológicos, o sonho e a embriaguez, articulados com os processos de lembrança e esquecimento, configuram as aparências e as produções culturais.

A arte e o impulso artístico na obra de Nietzsche remetem invariavelmente ao nome de Dioniso. E isso serve tanto para sua primeira obra sobre a tragédia grega quanto para as reflexões tardias. Embora na primeira fase Dioniso estivesse associado à metafísica e à noção do sublime, posteriormente, ele passa a ser associado à beleza e à fisiologia. Macedo considera fundamental no pensamento nietzschiano a ideia da arte que busca combater a decadência: “a principal arma contra o niilismo e o modo mais transparente de expressão da vida que, para o Nietzsche maduro, significa dizer: a arte é o modo mais transparente de vontade de potência, o princípio antiniilista por excelência.” (Macedo, 2006, p.151)

Frente à medonha comprovação da efemeridade da vida humana, os gregos construíram as representações dos deuses do Olimpo, deuses com características semelhantes aos homens, porém, imortais. Os gregos ultrapassaram suas tristezas e não se deixaram abater, imortalizando-se através da arte que, celebrando os deuses olímpicos, ao mesmo tempo os tornavam belos e semelhantes às divindades. Refletidos na figura dos deuses imortais, os gregos puderam esquecer-se de suas inseguranças e, assim, se entregaram confiantes à vida, esquecendo o pessimismo:

Oh, esses gregos! Eles entendiam do viver! Para isso é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais — por profundidade! (Nietzsche, GC, 2001, p.15)

A destruição que tanto nos causa dor e sofrimento é imprescindível para que o fluxo vital não se estagne e para que a vida continue sendo afirmada na sua novidade e imprevisibilidade. Criação e destruição são duas fases do processo vital. A necessidade e a possibilidade de criar dependem da destruição e da provisoriedade das formas. Se tudo fosse eterno, não haveria necessidade criativa. Nesse sentido, Roberto Machado comenta que “só pode haver criação se os valores são temporais; só pode haver criação no tempo.” (Machado,2001, p.104)

Nietzsche demonstrou que não é apenas o equilíbrio, mas também a tensão que estão presentes na existência de cada homem em sua plasticidade, em sua aparência e em sua cadência, seu movimento, seu fluir como música. Uma plasticidade que, ao aprender a andar, pretendeu, daí em diante, correr e, aprendendo a correr, quis voar.

Com o intuito de incentivar o homem a estar mais atento às suas mais intensas “entranhas”, na profundidade de toda a força criadora e potencializadora é que Nietzsche, no prólogo de *Assim falou Zaratustra*, alertou para que não desprezassem a terra, a vida, os instintos, o corpo, em favor das alucinações metafísicas do além-mundo. A terra representa o próprio corpo, a natureza como fonte de toda vontade de afirmar e expandir a vida através da criação de novas e positivas avaliações.

O criador não produz a partir do nada [...] ele age em sintonia com as forças que o convocam de dentro, seguindo os impulsos que o ecoam de dentro, seguindo os impulsos que ecoam no seu corpo, profundamente enraizados na terra. A criação nasce na escuta dos instintos viscerais, de impulsos fisiológicos que permeiam a presença no mundo do que há de mais íntimo [...] para criar é preciso ser fecundado pelas forças do mundo. (Barrenechea, 2000, p.90-91)

Nietzsche valoriza a música, a dança e o riso por serem estados que acenam a uma intensa disposição para a vida. O estar leve, sem entraves e normas que afastem o homem de suas mais profundas forças leva à criação e à alegria. Nietzsche valorizou os gregos pela intensidade com que desejavam a vida. Não obstante, eles encontraram nas criações artísticas uma forma de esquecimento, de conforto saudável para viver a realidade. Os gregos arcaicos são exemplo de um povo que não desistiu da vida pela constatação de sua frágil condição humana.

Nietzsche atribui ao corpo multiplicidade de forças que impulsiona o homem para criações artísticas que doam sentido à sua existência. A beleza, essencialmente, é a afirmação da vida sensível. Desse modo, a reflexão filosófica nietzschiana deixa de se ater apenas aos limites de uma teoria do conhecimento, e dissemina-se como arte em tudo que a vida é e em tudo que há de enigmático e misterioso.

### **Referências Bibliográficas:**

BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e o corpo: para além do materialismo e do idealismo*. IN: *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Orgs. Daniel Lins e Sylvio Gadelha. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

\_\_\_\_\_. *O espaço trágico: lugar das intensidades e das diferenças*. IN: *Memória e espaço*. Icléia Thiesen Magalhães Costa; Jô Gondar. (Org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, v. 1, p. 22-34.

\_\_\_\_\_. *O aristocrata nietzscheano: para além da dicotomia civilização/barbárie*. IN: *Nietzsche e Deleuze – Bárbaros, civilizados*. Organização de Daniel Lins e Peter Pál Pelbart. São Paulo: Annablume, 2004.

MACEDO, Iracema. *Nietzsche, Wagner e a Época Trágica Dos Gregos*. São Paulo: Anablume, 2006, p.133.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2ª ed. , Rio de Janeiro: Rocco, 1985,

\_\_\_\_\_. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich.(1881-1882).*A Gaia Ciência*. IN: *Obras incompletas*, Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_.(1881-1882).*A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_ (1880/81) *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

PIMENTA NETO, Olímpio José; BARRENECHEA, Miguel Angel (Orgs.). *Assim falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999.